



www.delfimsantos.org

Resenha de 'Temática existencial'

António Quadros (1950)

Artes e Letras - A Semana Literária, *Diário Popular*, Lisboa, 03.05.1950, 4.

A crítica literária a uma obra de carácter filosófico coloca-nos, antes de mais nada, perante o problema das relações entre a literatura e a filosofia: em que medida esta releva daquela, e aquela precisa desta? Há incompatibilidade ou, pelo contrário, redutibilidade? Quanto a nós, já o temos dito, aliás, o romance, o conto, a poesia, não passam de modalidades de pensamento exprimindo-se com matéria viva, extraída do Mundo, quer pelo processo da prosa, quer por processo poético de transcendência das imagens colhidas da realidade como símbolos. Diante da obra literária o crítico deve interpretar, captar o essencial ideológico, em primeiro lugar - e em segundo lugar medir a forma como este essencial se vasa no género literário, isto é, o adequamento do conteúdo e da forma. Na expressão de carácter propriamente filosófico, na especulação pura de ideias em que o real é tomado como um objeto e não como um sujeito, também se revela, embora numa escala mais reduzida, a dualidade conteúdo-forma. Ao escrever os resultados das suas investigações nos domínios do pensamento, o filósofo tem de usar um processo literário, que ao crítico de literatura dá margem para um estudo não isolado dos seus domínios. Durante muito tempo julgou-se que a arte literária de um filósofo devia residir precisamente na ausência de estilo. Hoje, depois de Hegel, Bergson, Nietzsche ou Kierkegaard, vista sob um novo prisma a obra de um Platão, é lícito admitir não só a importância do estilo na exteriorização formal da meditação filosófica, como até a necessidade de lhe comunicar um calor humano, uma integração de sentimentos e emoções capazes de porem em relevo certos aspetos obscuros.

Heidegger, cuja filosofia o prof. Delfim Santos apresenta em 'Temática existencial', separata da revista *Atlântico*, não desdenha de um estilo extremamente pessoal. A natureza das ideias expendidas pelos seus seguidores sugere, com carácter de necessidade, uma forma plenamente literária. O fenómeno da proliferação atual dos Sartre, Camus, Simone de Beauvoir, etc..., nada tem de espantoso. A margem unicamente emocional deixada por Heidegger no rasto das suas doutrinas sugere imediatamente um aproveitamento nos domínios do dramático, romanesco ou poético. A angústia, o «sendo», o «nada», fatores salientes do pensamento existencial, não podem ser expressos senão em termos humanos, vagos e dolorosos. Carece de um estilo quem deles queira falar. Em Delfim Santos o estilo forma-se naquele sentido tão



www.delfimsantos.org

caro a um Azorín, com a máxima limpidez e simplicidade. O calor humano parece ausente: na verdade, contém-se, delimita-se, procura não afogar a pureza das ideias. Mas ao descrever a revelação do «nada», por exemplo, sente-se a sua palpitação no encadeamento dramático das palavras e das frases, tendendo para a síntese final: *«Abandonemos o plano teórico da compreensão lógica e tentemos apreender o problema de outra maneira. O nada é, para Heidegger, a negação da totalidade do 'sendo'. Mas a totalidade do sendo não pode ser objeto do nosso pensamento essencialmente finito. Há, porém, momentos afetivos de desprendimento radical do que nos é próximo – aborrecimento, melancolia – em que, de certo modo, nos sentimos mergulhados no que se chama totalidade do sendo. Sentimo-nos deliquescentes, e totalmente desprendidos do mundo que nos cerca. E nesta situação surge também um certo temor de qualquer coisa que não sabemos o que seja». E mais adiante, numa frase breve e clara: «Nesta espécie de temor, revela-se o nada».*

Na verdade, uma filosofia na qual a vida afetiva se reveste de tão grande importância não pode prescindir da expressão artística. Não admira, portanto que ao citar os precursores históricos do existencialismo, Santo Agostinho, Pascal, Kierkegaard, Dostoiévski, Nietzsche e Unamuno (podia ter citado, também, Kafka, e, entre nós, não obstante o desnível, a 'Filosofia da Existência', ou os poemas de Domingos Tarrozo), não admira portanto, repetimos, que Delfim Santos tenha citado tantos escritores.

Na exposição sobre o pensamento heideggeriano, notável pelo poder de síntese e pela compreensão elevada da obra do filósofo alemão, queremos destacar dois aspetos, ambos exteriores à exposição propriamente dita e fazendo parte da crítica de Delfim Santos à situação da filosofia existencial na cultura. Um dos setores que a tem atacado apoia-se num ponto de vista errado ou, pelo menos, não válido. A conhecida frase *«a existência precede a essência»* não admite, conforme o têm dito, uma irredutibilidade entre as duas atitudes, a não ser, esclarece Delfim Santos, *«quando desprendidas do fundamento ôntico que lhes dá validade teórica»*. E em seguida explica: *«...a oposição não tem razão de ser, como a própria obra de Heidegger deixa concluir. Se definirmos a filosofia existencial deste pensador como a busca do ser do sendo (Sein des Seienden), é isso claro na própria terminologia. São atitudes que, distintas, aceitaram como base de investigação um dos múltiplos aspetos da realidade, mas uma vez compreendido que ambos os fundamentos ônticos que lhe dão sentido se não excluem, antes se integram, notar-se-á que o vício e a virtude da cada uma dessas atitudes sistemáticas têm como origem uma extensão indevida do só parcialmente válido»*. E finalmente: *«enquanto as filosofias de base transcendental – (Kant, por exemplo) – consideravam o homem apenas como meio de apreensão da transcendência, o existencialismo procura estudar o homem enquanto ele é na terra determinado pelo transcendente»*. O outro aspeto deste trabalho de Delfim Santos que queremos salientar é a colocação de uma problemática num terreno diferente do tradicional: a especulação de Heidegger, *«como ele próprio o confessou, tende para uma 'crítica da existência pura', e daí o lugar central e a importância estranha que nesta filosofia têm certas noções que não gozavam ainda de relevo na*



www.delfimsantos.org

tradição filosófica do ocidente, sempre dominado, mais ou menos, por interesses evidentes de intelectualismo».

É necessário, realmente, o domínio estilístico para se escrever uma síntese tão eloquente e simples como a realizada por Delfim Santos nesta sua 'Temática existencial'. É necessário que se seja, autenticamente, um escritor.

E oxalá os escritores tivessem tanto cuidado na maturação do seu pensamento como Delfim Santos o tem na expressão literária...

António Quadros